



Duas artistas plásticas judias na Amazônia

Two jewish plastic artists in the Amazon

Alessandra Fabrícia Conde da Silva*

Universidade Federal do Pará | Belém, Brasil
afcs77@hotmail.com

Joel Cardoso**

Universidade Federal do Pará | Belém, Brasil
joelcardosos@uol.com.br

Resumo: Mapeando vestígios da cultura judaica na Amazônia, o artigo discorre sobre a arte pictórica em artistas ainda pouco estudados na nossa região. As obras apresentadas propõem um diálogo entre nossos mitos e lendas, pertencentes ao nosso imaginário, confrontando-os com a tradição bíblico-judaica.

Palavras-chave: Artistas plásticos judeus. Pintura. Amazônia.

Abstract: Mapping traces of Jewish culture in the Amazon, the article discusses pictorial art in artists still little studied in our region. The works presented propose a dialogue between our myths and legends, belonging to our imagination, confronting them with the biblical-Jewish tradition.

Keywords: Jewish plastic artists. Painting. Amazon.

Considerações preliminares

Desde a segunda década do século XIX, com a abertura dos portos às nações estrangeiras, durante o reinado de D. João VI, ocorreu o afluxo de judeus marroquinos para a região amazônica. Anos mais tarde, impulsionados pela febre ocasionada pelo Ciclo da Borracha, outros imigrantes do mesmo grupo étnico refugiaram-se na Amazônia, fugindo da pobreza, da miséria e da violência causadas por um sentimento antijudaico.

* Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás e Professora da Universidade Federal do Pará.

** Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade Estadual Paulista e Intersemiótica (Munique, Alemanha).



Um dos primeiros textos a abordar a presença de judeus na região são as memórias de Abraham Pinto (1879-1893): *La vida de Moyses y Abraham Pinto en la jungla del Amazonas*. O judeu sefardita marroquino relata as vivências suas e de seu irmão Moyses no território amazônico, em meio aos percalços sofridos na geografia amazônica: enfermidades regionais, naufrágios e perda de artigos e mercadorias comercializados nas laboriosas atividades dos regatões a singrar os rios. Afastados da comunidade e da família, muitos desses judeus marroquinos, em seus trabalhos como regatões, tinham como certa a solidão. Muitos judeus vieram para a Amazônia. Foi assim com os irmãos Pinto, que vieram em razão do comércio da borracha.

Para Márcio Souza¹, “o látex fez toda uma civilização no norte do Brasil e os *sefaradim* foram um importante instrumento civilizatório”.

Além desses relatos, há escritores de origem judaico-amazônica que apresentam em suas literaturas ecos da presença judaica na região, como José Benedicto Cohen, Sultana Levy Rosenblatt, Leão Pacífico Esaguy, Mady Benoliel Benzecry, Marcos Serruya, Elias Salgado, Myriam Scotti e Ilko Minev. Sobre esse tema, vale lembrar, de nossa autoria, o artigo “Escritores sefarditas na Amazônia”, publicado na revista *Arquivo Maaravi*². No entanto, ao pesquisarmos sobre a poeta Mady Benoliel Benzecry, autora de *De todos os crepúsculos* (1964) e *Sarandalhas* (1967), vimos que ela, nascida em Manaus, também se dedicou às artes plásticas e, abandonando a escrita, pintou quadros em que se mesclam a cultura judaica e a amazônica. De modo semelhante, com o alargamento da pesquisa, tivemos acesso à notícia sobre três outros artistas plásticos de origem judaico-amazônica. A paraense Donna Benchimol que, com motivos artísticos semelhantes aos de Mady Benoliel Benzecry, evoca a tradição judaica, a sensualidade e os registros culturais e geográficos amazônicos.

Arieh Wagner e Alegria Belicha fazem parte do rol dos artistas plásticos judeus amazônicos que se dedicaram, sobretudo, a motivos judaicos amazônicos. Obras desses artistas foram publicadas em calendários. Arieh Wagner, antropólogo, Wagner Bentes Lins, estudioso da presença judaica na Amazônia e Alegria Belicha são paraenses e se dedicam à Arte Naif. No Calendário do Portal e Arquivo Amazônia Judaica (AHAJ), consta que Arieh Wagner é “um artista autodidata dedicado à Arte Naif. Em seu trabalho ele condensou duas vertentes de seu trabalho: A arte judaica e o cotidiano amazônico”. É o que percebemos na imagem a seguir:

¹ SOUZA, SCLIAR, 2000, p. 105.

² CONDE-SILVA, 2020.



Figura 1 – *Êxodo*, de Arieh Wagner. *Calendário AHJA* (2020).

Êxodo, como o nome já prenuncia, é uma longa narrativa visual que tem a Bíblia como ponto de partida e se transforma e se enriquece com o aditamento da fauna e da flora amazônicas, prenunciando o futuro que os espera. A aridez do deserto egípcio é abandonada pelo povo judeu, tendo à frente Moisés com o cajado e Miriam com o tamborim, conforme a tradição bíblica. Para um grupo de judeus sefarditas que pousaram no Marrocos por mais de três séculos, após a expulsão da Península Ibérica no século XV, o futuro foi a Amazônia e esta pintura faz alusão à terra de acolhimento.

Os motivos judaicos também são caros à Alegria Belicha, cujo trabalho figurou na capa do livro de Marcos Serruya: *O cabalista*³. A pintura *O muro das lamentações* foi publicada, posteriormente, no *Calendário Judaico de Arte Brasileira*:

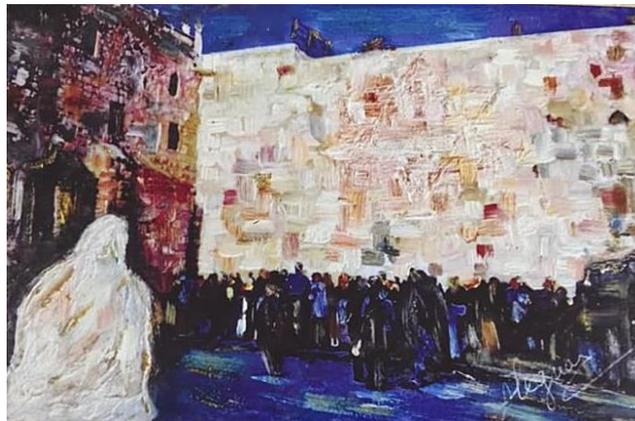


Figura 2 – *O muro das Lamentações*, de Alegria Belicha, *Calendário Judaico de Arte Brasileira* (2016/2017).

³ SERRUYA, 2008.



Neste artigo, a nossa atenção volta-se para os trabalhos de Mady Benoliel Benzecry e de Donna Benchimol. Dividimos as suas pinturas em três motivos centrais, dada a iteração desses temas em suas obras, em uma perspectiva pré-iconográfica: tradição judaica, Amazônia mítica, e mulheres sensuais. Por vezes, esses motivos podem entrelaçar-se, como veremos sobretudo ao lançarmos mão das análises iconográficas e iconológicas, de acordo com os apontamentos de Erwin Panofsky, que distingue três níveis de significado ou tema de uma imagem: a análise pré-iconográfica, momento em que os motivos são reconhecidos; a análise iconográfica, que prevê a agregação de um conceito a um motivo artístico, o que também levaria à alegoria ou estórias, por conta do complexo de motivos ou imagens; e a análise iconológica, que trata do significado intrínseco da obra, em que são considerados todos os constructos culturais ou “valores simbólicos”.⁴

A propósito das pinturas das duas artistas plásticas amazônidas, utilizamos duas obras centrais: *Donna* de Celso F. Bastos⁵ e *Batista & Mady: embaixadores da alma brasileira* de Mario Margutti⁶ (2003). No livro de Celso F de Bastos, Donna Benchimol afirma:

Nasci em Belém do Pará. Iniciei na pintura em 1985, como autodidata. Ao adquirir em Teresópolis, a casa que pertenceu ao poeta Olegário Mariano fui impactada pela atmosfera artística que pairava no local, confeccionando ali meus primeiros quadros, miniaturas de flores dos jardins da casa [...] Na temática eclética e sem fronteiras, eu reescrevi a minha ligação com a Ilha de Marajó pintando obras regionais e minha descendência judaica nos trabalhos onde retrato a Cidade Santa de Jerusalém.⁷

Margutti relata, sobre Mady Benoliel Benzecry, que

Mady nasceu em Manaus no tempo em que lá não havia luz elétrica e a cidade era apenas uma encantadora província, conhecida como Cidade Risonha por causa dos seus recantos aprazíveis e floridos. Seu pai, o judeu marroquino-português Jacob Paulo Levy Benoliel, foi um homem extremamente severo, que criou todos os filhos sob a mais férrea das vigilâncias [...] Como resultado, a menina Mady

⁴ PANOFSKY, 1986, p. 64.

⁵ BASTOS, 2007.

⁶ MARGUTTI, 2003.

⁷ BENCHIMOL em BASTOS, 2007, p. 4.



creceu para dentro, nas asas da sua imaginação poética, contrabalançando na alma duas forças rivais: uma sensibilidade especial, que a fragilizava emocionalmente, e uma saudável rebeldia aquariana, que lhe daria forças e obstinação para libertar-se das amarras da vida provinciana e ir ao encontro da sua própria realização individual.⁸

Assim como Benzecry, Benchimol seguiu o estilo *naïve*. Para Gustavo Gavião, Donna Benchimol “apresenta variada iconografia, com a marca forte de suas pinceladas leves e soltas. A agradável mistura de linguagens, ora beirando o naif, ora o expressionismo, confere ao conjunto a assinatura única e inconfundível da artista”⁹. Quanto à arte de Benzecry, Margutti afirma:

Do ponto de vista plástico, é importante observar que, embora jogando com noções corretas de perspectivas, Mady não pratica o figurativo tridimensional realista. Seu desenho fino e delicado demarca as figuras como signos visuais coloridos por cores chapadas, enriquecidas com meios-tons e uma palpitante vibração do *chiaro/escuro*, o que confere ao conjunto uma prevalência da bidimensionalidade, com impactantes ressaltos figurativos no primeiro plano. Esta maneira de arquitetar a obra garante uma unidade estrutural que se apóia na envolvente magia das cores, e faz lembrar as antigas gravuras do Oriente, como percebeu um jornalista do Distrito Federal: “*Naïve* é Mady nas estruturas de suas pinturas, que se distinguem pela riqueza cromática e pela composição lançada em superfícies lisas, a lembrar, por vezes, velhas estampas japonesas, uma pintura primitiva que mais se impõe quando estão ausentes as perspectivas e as suposições de planos.”¹⁰

Mady Benoliel Benzecry, artista plural, além de poemas e pinturas fez esculturas e letras de música. Um de seus poemas, “Cidade flutuante”, é homônimo de uma outra de uma pintura. Neles,

a vida sobre as águas, o comércio, o trânsito das pequenas embarcações, a fauna e a flora exóticas mostram-se

⁸ MARGUTTI, 2003, p. 61.

⁹ em BASTOS, 2007, p. 7.

¹⁰ MARGUTTI, 2003, p. 136.



condições e atividades corriqueiras realizadas sobre o caudaloso rio. Uma mitologia amazônica é descrita com orgulho, capitalizando um jogo comparativo que alude às imagens presentes nos mitos gregos: homem/guerreiro/animal, mulher/peixe, menino alado/caçador, chapéu de carnaúba/capacete de aço, corcel/canoa. Mady Benzecry pinta quadros, canta e conta memórias e histórias, poetisa gentes, a judia e a cabocla: a gente amazônica.¹¹

Na quinta estrofe, surge uma figura singular, protagonista das aventuras do rio e da floresta: “Caboclo forte e sem medo / de guerras, de vendaval,/ que antiga couraça é mais rija / que a tua, de animal?”¹². Esta figura ressurge na pintura, como se pode observar a seguir:

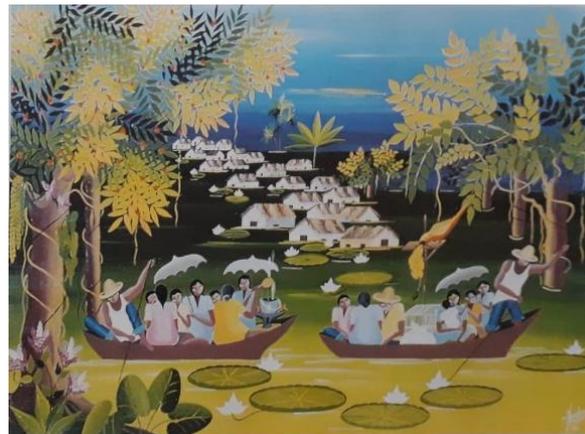


Figura 3 – *Cidade flutuante*, de Mady Benoliel Benzecry.¹³

Além dos motivos presentes no poema e na pintura referenciados, as duas artistas renderam-se a motivos da tradição judaica, dos mitos e da fauna e flora amazônicas e da sensualidade da mulher amazônica. Apresentaremos, a seguir, pinturas de Mady Benoliel Benzecry e de Donna Benchimol que aludem a esses temas.

¹¹ CONDE-SILVA, 2020, p. 105.

¹² BENZECRY, 1967, p. 65.

¹³ BENZECRY em MARGUTTI, 2003, p. 37.



1 A tradição judaica

Em “A criação da Bahia”, poema de *Sarandalhas*, leia-se os versos de Mady Benoliel Benzecry¹⁴: “E assim, / No sétimo dia, / Deus criou/ O céu, /A terra / E a bahia”. A referência da Criação da *Bíblia Hebraica*, em *Bereshit* (Gênesis) 1:1, e outras referências da tradição judaica encontram eco tanto na produção de Benzecry quanto na de Benchimol. Por vezes, o motivo bíblico ou da tradição judaica está presente, mas em variação. Em *Jardim do Eden*, Mady Benzecry volta ao tema bíblico. Adão e Eva estão em um cenário idílico, conforme a tradição da representação do motivo edênico. Há, todavia, alguns registros da fauna e flora amazônicos. A onça pintada descansa harmonicamente ao lado de animais africanos e Adão está prestes a devorar o fruto proibido. Atrás deles, um rio caudaloso é iluminado pela lua de intenso brilho que surge por trás de montanhas em formato triangular. Como uma moldura, surgem coqueiros e uma vegetação abundante, demarcando amplo espaço de coloridas formas vegetais:



Figura 4 – *Jardim do Eden*, de Mady Benoliel Benzecry. ¹⁵

Uma Arca de Noé também é pintada por Benzecry. Na imagem, uma grande canoa como as que se veem navegar nos rios amazônicos, e não como uma grande caixa, conforme a tradição pictórica muitas vezes representou, transporta o patriarca do Dilúvio e diversos animais. Esses extrapolam a fauna amazônica, embora a flora da região seja vividamente representada, sobretudo, com a presença de vitórias-régias.

Na pintura, os sobreviventes do Dilúvio aportam em terras que se assemelham às amazônicas. Alguns animais deixam a nau, enquanto outros parecem estar inebriados pela noite de calma e de paz: a alegria por uma fuga bem-sucedida e a proclamação da vida. Na *Arca de Noé* de Benzecry há esperança, abundância e vida. Três pombas ao fundo voam sob a luz de uma clara lua, aludindo à narrativa bíblica, que, apesar dos aditamentos da flora e fauna amazônicas, se mantêm preservados. Não há outros humanos além de Noé na pintura, como se

¹⁴ BENZECRY, 1967, p. 9.

¹⁵ BENZECRY, em Margutti, 2003, p. 23.



este fosse apenas o barqueiro a salvar uma carga divina e preciosa. Motivos da tradição judaica nas obras de Mady Benoliel Benzecry podem ser percebidos ainda na escultura (em bronze) *Moisés* e no quadro *O violinista no telhado*:

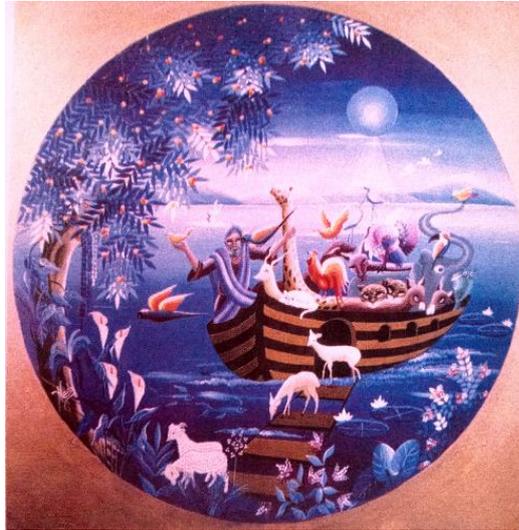


Figura 5 - *Arca de Noé*, de Mady B. Benzecry¹⁶.

Benchimol compôs vários quadros com a temática judaica. Alguns fogem ao tema bíblico, embora representem ecos do *ethos* judaico: *Moisés e a passagem*, *Muro das Lamentações*, *O deserto de Jericó*, *Casamento judaico*, *Um violista no telhado*, *Um pastor e suas ovelhas* e *Antigo muro das Lamentações*. Em *Moisés e a passagem*, Benchimol volta-se ao motivo bíblico do episódio do Mar Vermelho. Não há um protagonista na cena, a não ser o povo obediente, figuras incógnitas rumando para a liberdade e salvação. Há apenas ligeiros ecos de individuação que se sobressaem entre a massa aquosa e azulada e o céu branco e azul, quase a refletir um e outro, e que ladeiam os que caminham sobre a terra seca, conforme se percebe nas cores das roupas dos caminhantes:

¹⁶ BENZECRY, em MARGUTTI, 2003, p.82.



Figura 6 – *Moisés e a passagem*, de Donna Benchimol.¹⁷

Nesses quadros, evocam-se aspectos da cultura judaica, sob a perspectiva feminina, quase como “um ato de vontade em permanecer judeu e construir uma continuidade judaica”, uma vez que há vários fatores centrífugos que atraem os judeus a abandonar os costumes e tradições.¹⁸ Lado a lado com a tradição judaica, há os motivos amazônicos. Mitos, geografia, vegetação, ribeirinhos, as gentes da terra tornam-se, assim, mesclados, motivos artísticos nas pinturas de Benzecry e Benchimol, de forma a deixar vislumbrar uma perfeita interação entre as narrativas e as imagens tanto da Bíblia quanto da Amazônia.

2 Amazônia mítica

As amazonas I, pintura de Mady Benzecry, alude à lenda das mulheres guerreiras da cultura grega. Assim como o navegador espanhol Francisco de Orellana, ao nomear o rio da região explorada, Benzecry sucumbe ao mito ficcionalizado fazendo-o motivo artístico em variação. Segundo Yves-Alain Favre,

para os gregos, as Amazonas eram antes que tudo “bárbaras”, no sentido que emprestavam a essa palavra: elas ignoravam o que constitui a qualidade preeminente da pólis, ou melhor, elas transgrediam as suas leis. Não conheciam, por conseguinte, a navegação (Heródoto), nem a cultura dos cereais (Diodoro da Sicília). Ésquilo mostrava-as como devoradoras de carne, e para quase todos os comentaristas elas eram guerreiras que combatiam a cavalo

¹⁷ BENCHIMOL em BASTOS, 2007, p. 18.

¹⁸ LEWIN, 2005, p. 360.



e armadas com o arco: para maior desembaraço no manejo deste, elas queimavam o seio direito – daí o nome de Amazonas (*a-mazôn*: “sem seio”).¹⁹

Apesar dos arcos em mãos, na pintura, elas não têm uma postura marcial. Desnudas e sedutoras: recebem enfeites de rosas nos longos cabelos negros e a tez morena contrasta com a alvura dos cavalos. Para Camille Paglia, “o judeu-cristianismo é só a metade da nossa tradição. O paganismo tem outros paradigmas a oferecer”²⁰. A recriação da lenda das amazonas traz o diálogo e a tensão entre as regras apolíneas e dionisíacas, entre o dia e a noite, numa narrativa ambivalente, conflitante, pois, além das aparências, numa perspectiva dionisíaca, estão as mulheres em guerra, ainda que postas em um cenário apolíneo, harmônico:



Figura 7 – *As Amazonas I*, de Mady Benoliel Benzecry²¹.

Benzecry pintou outros quadros que transitam por motivos míticos amazônicos como *A lenda da Cobra Grande*, por exemplo. Personagens típicos como o do regatão, que vende suas mercadorias aos ribeirinhos, recebe atenção da pintora, como podemos observar em *O regatão*. O dia a dia do ribeirinho é lembrado em *O igarapé* e a fauna e a flora ganham expressividade em *As oncinhas*, com as mesmas nuances de *Cidade flutuante*:

¹⁹ FAVRE, 1998, p. 744.

²⁰ PAGLIA, 1996, p. 86.

²¹ BENZECRY em MARGUTTI, 2003, p. 83.



Figura 8 – *O Boto e a cabocla*, de Donna Benchimol²².

A presença mítica nas pinturas de Donna Benchimol revela rasgos de narrativas orais presentes na produção artística da autora paraense. É o caso de *O Boto e a Cabocla*. Enlaçada pelo Boto, em uma dança sensual e solitária, a Cabocla some, é levada para as águas da perdição, conforme a lenda. A musicalidade é algo iterativo em algumas pinturas. Os motivos dos quadros abordam danças populares, como em *Boi Bumba em Parintins*, ou *Forró em Manaus*. Já *A Lenda das Amazonas Guerreiras* e *A lenda do muiiraquitã* repercutem a riqueza mítica amazônica.

3 Mulheres Sensuais

Muitas mulheres sensuais habitam no imaginário feminino e dão vida a muitas pinturas de Benzecry e de Benchimol. Índias, negras, brancas. Mulheres mães, mulheres amantes, mulheres sofrendo por amor, mulheres guerreiras, mulheres dançando e comemorando a vida, ganham a simpatia das artistas amazônicas. *A Moça e Bandolim* traz implicitamente a sugestão de uma melodia amorosa e dolorida. Envolta por longos cabelos, encrustados por flores, a musicista seduz pela beleza e dor que os olhos tristes refletem. A natureza parece florescer junto com ela, talvez inebriada, pela melodia. A visitação de uma pombinha branca dá vida à menina cheia de amores. A cor das flores reverbera a cor de tom róseo do bandolim. São cores do desabrochar. Lá ao fundo, passando distante, está uma barca ligeira entrando, tocando, invadindo os raios lunares que conduzem ao centro em que a moça e o bandolim se encontram:

²² BASTOS, 2007, p. 56.



Figura 9 – *A moça e o bandolim* de Mady Benoliel Benzecry.²³

Em outro quadro, *Natividade II*, Benzecry rende-se ao mote da maternidade, atribuindo uma aura mítica ao cenário. A mãe desnuda amamenta seu bebê com a complacência e graciosidade de uma natureza sujeita a si e ao momento mágico. A maternidade seduz a mais cruel das feras amazônicas. A onça ajuda a acalantar o bebê. Ao fundo, o caboclo no rio trabalha pelo sustento, ferindo as águas dos rios e colhendo da natureza as suas benesses.

Benchimol, em *Uma Mulher no Banho* e em *A moça e o Rio*, representa a mulher amazônica interagindo sensualmente com a natureza. Uma mão na cabeça e outra nos quadris coloca a cabocla em uma sintonia erótica com as águas, como se chamasse alguém na outra margem. Ao fundo, para onde olha a mulher, surge à direita do observador uma extensão de terra com verdejantes árvores. À esquerda do observador, estão as águas que se confundem com o azul do céu. Curiosamente, as águas em que a mulher se banha têm matiz mais esverdeada, amarelada, o que nos remete ao célebre Encontro das Águas que ocorre nos rios amazônicos:

²³ BENZECRY em MARGUTTI, 2003, p. 131.



Figura 10 – *Uma mulher no banho*, de Donna Benchimol.²⁴

Benzecry rendeu-se ao motivo da natureza amazônica, alegorizando-a, vestindo-a de mulheres: as águas do rio Negro e as águas do rio Solimões. Da mistura desses rios, nasce o Amazonas, filho de dois rios. Suas mães, mulheres feminis e sedutoras, dançam, comemorando o encontro mágico na quase noite, bem ao gosto dionisíaco:



Figura 11 – *O encontro das águas*, de Mady Benzecry.²⁵

A dança poética que Benzecry proporciona ao espectador, leva-o ainda a considerar não apenas o mundo terreno da Amazônia, mas o mundo aquático, com as suas ninfas e mulheres sedutoras.

Apenas considerações

As análises aqui apresentadas são iniciais. Nossa pretensão foi divulgar as suas obras, fornecendo algumas considerações paratextuais que auxiliarão a nossa e a outras pesquisas posteriores. Excetuando o livro de Margutti e o de Bastos, não encontramos outros títulos que dessem conta da obra dos artistas plásticos aqui

²⁴ BENCHIMOL em BASTOS, 2007, p. 30.

²⁵ BENZECRY em MARGUTTI, 2003, p. 101.



mencionados, alguns deles, como vimos, publicaram seus trabalhos apenas em calendários de arte. No entanto, as obras existem e reverberam a confluências das culturas amazônicas e judaicas.

Reconhecemos que afirmar existir uma arte judaica amazônica pode ser tomado como algo impróprio, sobretudo pela visão de Lasar Segall, de que “nenhuma arte judaica existe”²⁶, apresentada em um pequeno texto escrito em ídiche e publicado em 1939, intitulado “Existe uma arte judaica?”. O que há, diz Segall, “são artistas judeus, e não arte judaica”, “considerando os conceitos gerais de arte”.²⁷

Ainda que tenha havido a ideia de se instituir o conceito de uma arte judaica por alguns sionistas, por volta do final do século XIX, que consideraram a “arte judaica” como participante da “Renascença judaica”, o conceito não prosperou, pois, o termo “arte judaica” não logrou, ainda, definição. Toda a discussão esteve em torno da apresentação de artistas judeus. Marc Chagall e outros jovens artistas plásticos judeus pretenderam criar um “projeto de uma arte judaica moderna que deveria basear-se em elementos da arte popular judaica-russa”.²⁸ O projeto falhou novamente. A condição socioeconômica “cada vez mais incerta na Rússia” e a emigração dos artistas judeus da região russa desfizeram os sonhos sionistas de uma “arte judaica” autônoma. No entanto, como ressalta Niels Cartus, “a arte se tornara, com essas tentativas, um componente permanente da cultura judaica, e que a cultura judaica viria a se tornar elemento da arte moderna”.²⁹

De todo modo, traços da cultura judaica adotada pelos artistas aqui elencados amalgamaram-se aos registros amazônicos. O olhar judaico, o olhar dos artistas plásticos judeus amazônicos, se interpôs às paisagens dos rios e das matas fechadas, escuras, enigmáticas, e ao mesmo tempo, fizeram avistar clareiras: a beleza e o imaginário da floresta e seus mitos estão lá, onde também está Noé e a sua arca ou Adão e Eva em um *locus* amazônico. Talvez essas não sejam as nossas considerações finais, mas as iniciais, ou apenas considerações.

Referências

- BASTOS, Celso F. *Donna*. Rio de Janeiro: C. F. Bastos, 2007.
BENCHIMOL, Samuel. *Eretz Amazônia*. Os judeus na Amazônia. Manaus: Valer, 2008.
BENZECRY, Mady Benoliel. *Sarandalhas*. Manaus: Pongetti, 1967.

²⁶ SEGALL em CARNEIRO; LAFER, 2004, p. 23.

²⁷ SEGALL em CARNEIRO; LAFER, 2004, p. 23.

²⁸ CARTUS, 2006, p. 22.

²⁹ 2006, p. 25.



BIBLIA HEBRAICA. Baseada no Hebraico e à luz do Talmud e das Fontes Judaicas. Tradução de David Gorodovits e Jairo Fridlin. São Paulo: Editora & Livraria Sêfer, 2006.

BLAY, Eva Alterman. Judeus na Amazônia. In: SORJ, B. (org.). *Identidades judaicas no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 25-57.

CALENDÁRIO Judaico de Arte Brasileira 2016/2017.

CALENDÁRIO Judaico do Portal e Arquivo Histórico do Amazônia Judaica. 2020.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; LAFER, Celso. *Judeus e judaísmo na obra de Lasar Segall*. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

CARTUS, Niels. *Olhares brasileiros judaicos: a presença do judaísmo na arte brasileira contemporânea*. 2006. f. 135. Tese. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2006.

CONDE-SILVA, Alessandra F. Escritores sefarditas na Amazônia. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*, v. 14, p. 163-177, 2020.

Disponível em:
<https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/21726>. Acesso em: 20 abr. 2019.

CONDE-SILVA. Memórias de uma judia sefardita: reminiscências poéticas na Amazônia. *Revista Moara*, n. 56, v. 1, ago-dez 2020. Disponível em:
<https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/9783/6756>.

Acesso em 20 abr. 2019.

ECO, Umberto. *História da Beleza*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FAVRE, Yves-Alain. Mulheres viris. In: BRUNEL, Pierre (org.). *Dicionário de mitos literários*. Tradução de Carlos Sussekind *et al.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1998. p. 744-746.

LEWIN, Helena. Mulheres judias, profissionais brasileiras, entre a identidade e a cidadania. In: LEWIN, Helena (coord.). *Identidade e cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2005. p.358-368.

LINS, Wagner. *A mão e a luva: judeus marroquinos em Israel e na Amazônia; similaridades e diferenças na construção das identidades étnicas*. 2010. Tese (Doutorado em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas). FFLCH, USP, 2010.

MARGUTTI, Mário. *Embaixadores da alma brasileira: vida e obra de Batista e Mady*. Rio de Janeiro: Lucky, 2003.

PAGLIA, Camille. *Vampes & Vadias*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1996.



PANOFSKY, Erwin. Iconografia e Iconologia: Uma introdução ao estudo da arte da Renascença". In: PANOFSKY, Erwin. *Significado nas Artes Visuais*. Tradução de Maria Clara F. Kneese e Jacó Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1986. p. 47-65.

PINTO, Abraham. *La vida de Moyses y Abraham Pinto en la jungla del amazonas (1879-1893), o locus amoenus*. Disponível em: <http://judios-marroquies-en-amazonia.com/memoiresNDW.php>. Acesso em: 13 out. 2020.

PONNAU, Dominique. *Figuras de Deus: a Bíblia na arte*. Tradução de João Moura Junior. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

SERRUYA, Marcos. *O cabalista*. Belém: Universitária, 2008.

SOUZA, Márcio. A verdadeira nação de Rafael Bentes. In: SCLIAR, Moacyr; SOUZA, Márcio. *Entre Moisés e Macunaíma*. Os Judeus que descobriram o Brasil. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

Recebido em: 23/02/2021.

Aprovado em: 23/05/2021